

## AGENDA

## ATUALIDADES

## ENSAIOS

**Um passo ao compasso**

Fabíola Bergamo

## LEITURA

Tantos anos desenvolvendo oficinas de design para o artesanato em vários lugares do Brasil, nas mais diversas situações, me ensinaram que a única coisa realmente previsível é que o imprevisível fará sempre parte do cenário.

## REPERTÓRIO

## LINKS

Um lugar novo, uma comunidade que não foi antes visitada, por mais que tenham sido coletadas informações sobre a situação, sempre apresenta surpresas. Somente alcançamos a real dimensão do trabalho quando efetivamente já estamos no local.

## CONTATO

## CADASTRO

Foi assim na última oficina que fiz em setembro. O objetivo era o de utilizar o papel artesanal de bagaço de cana e fibra de bananeira, desenvolvido por outra comunidade vizinha e, com ele, desenvolver produtos, prioritariamente caixas.

## CONSELHO

## APOIADORES

## BUSCA

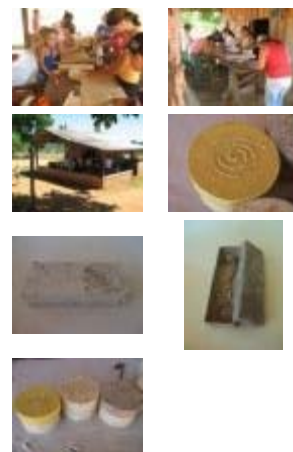
## Detalhar Busca

ok

Existiam duas possibilidades: uma, mais fácil, seria fazer alguns modelos de caixas, seus respectivos moldes e ensinar a essas mulheres como montar e revestir essas caixas. Muito pouco em minha opinião, o conhecimento agregado seria mínimo, o estímulo minúsculo. A outra possibilidade era a de passar ao grupo conhecimento suficiente para que elas fossem capazes de desenvolver qualquer modelo e tamanho de caixa. Dar-lhes ferramentas para que pudessem ter independência para criar.

Alguns pontos eram de fundamental importância para o sucesso futuro. Elas teriam de compreender os princípios básicos de geometria para construção de formas, o que possibilitaria ao grupo autonomia para o incremento de caixas em qualquer formato e tamanho. Um desafio interessante para uma amante das ciências exatas como eu, que durante a faculdade dava aulas de matemática e física, ensinar geometria básica a mulheres de 20 a 40 anos, com o ensino fundamental incompleto.

Ao mencionar a palavra geometria o pânico foi geral, mas nada comparado à satisfação dessas oito mulheres, e minha, ao verificar que depois de apenas quatro dias elas haviam compreendido completamente o processo.



Outro ponto importante era o entendimento das etapas de desenvolvimento das caixas, da elaboração dos moldes até o revestimento em papel artesanal. Não bastaria que elas executassem um conjunto de procedimentos previamente definidos e fixos. Dessa forma, elas poderiam melhorar continuamente os processos.

Nós que preenchemos nossas necessidades diárias com produtos adquiridos no supermercado, quanto aprendemos nesses lugares! Quando se tem terra e se sabe usar, quase nada é comprado. Arroz, verduras, frutas, basta ir até a horta ou pomar. Carne de frango e de porco, criação própria. O óleo usado na fritura vira sabão, e até a bucha para tomar banho e lavar a louça é colhida ali mesmo (sim a bucha é colhida). Por outro lado, matérias tecnológicas e especiais não fazem parte do cenário. Por isso toda a matéria-prima usada para a manufatura dos produtos foi escolhida por poder ser encontrada na região de Alta Floresta. Assim, o material de base achava-se sem falha na papelaria local e, para o revestimento, optou-se por um papel artesanal produzido pela comunidade de Estrela do Sul.

E finalmente, para criar a especificidade que considero tão importante em comunidades em formação, definir um elemento que diferencie os produtos desenvolvidos por esta comunidade das demais que utilizam as mesmas matérias primas e técnicas, e que funcionará como uma marca, tornando reconhecíveis, os produtos aqui concebidos. Para esse diferencial, nada mais adequado que usar para o acabamento elementos que já fazem parte do vocabulário das prendas manuais da comunidade, bordados – feitos com barbante de rami – comprado no armarinho local.

Como foi desenvolvido o trabalho

Dia 30/08, em Alta Floresta compramos o material complementar, depois viagem até a comunidade de Comunidade São Francisco de Assis, visita ao local onde seria feita a oficina.

Dia 01/09, já na comunidade, depois de entender um pouco mais sobre cada uma das participantes do grupo, foi feita a apresentação e capacitação para uso e conservação do material básico de desenho e montagem, esquadros, compasso, papel Paraná, cola, pincéis, papel artesanal. Comecei, então, as noções básicas de geometria para construção de caixas quadradas e desenvolvimento de uma caixa por participante em papel rascunho para verificar o nível de compreensão do que foi ensinado, marcação e montagem. Cumprida esta primeira etapa, elaboramos o molde definitivo da caixa quadrada. Cada participante desenvolveu e montou uma caixa em papel Paraná e depois a revestiu com papel artesanal.

Dia 02/09, foi a vez das caixas redondas, um pouco mais complexas, e das capas para blocos e agendas. Seguimos as mesmas etapas do dia anterior. Começamos também a desenvolver os bordados que seriam a “marca” da comunidade.

Dia 03/09, elaboração das caixas em formato de coração e definição final dos bordados, tipo de ponto e desenhos.

Dia 04/09, para verificar o nível de compreensão em relação ao que foi ensinado, dividi o grupo em quatro duplas. Cada uma delas escolheu uma das peças de bijuteria de sementes (colares, brincos e cinto) executadas por outra comunidade apoiada pelo Sebrae local. A proposta era que, sem ajuda, definissem o melhor formato para a caixa e fizessem o dimensionamento, desdobramento do molde, montagem, revestimento e bordado. O trabalho foi executado sem grandes dificuldades. Foi a confirmação, para mim e para elas,

que estavam prontas para seguir adiante sozinhas.

No final da oficina, chegamos a um portfólio de produtos que incluía:

Caixas quadradas, caixas retangulares, caixas redondas, caixas em forma de coração, caixas para as bijuterias artesanais desenvolvidas por outra comunidade da região e capa para blocos, agendas etc. – todos com diversos motivos de bordado, selecionados entre as opções propostas pelo grupo e por mim e gabaritados.

---

### Comentários

[Envie um comentário](#)

[RETORNAR](#)

© 2007 - Todos os direitos reservados ■ [Contato](#)